

O Discurso do medo e a Busca pela Segurança

Carolina A. Fischmann, Susana S. B. Durão

1. Estudante de IC do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas, UNICAMP; *carolfischmann@gmail.com

2. Pesquisador do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas, UNICAMP;

Antropologia Urbana, Medo, Segurança

Introdução

A partir da leitura de “Cidade de Muros” de Teresa Caldeira e da percepção de que a segurança pública é uma questão amplamente discutida atualmente, busquei fazer uma releitura de sua pesquisa através de pesquisas de campo e estatísticas mais recentes. O objetivo central era saber se no início dos anos 2010 as questões ainda eram as mesmas do final da década de 1980: quais as implicações do medo do crime violento na organização sócio-espacial e na sociabilidade? As classes médias paulistas têm mais medo do crime ou de sua aproximação social às classes baixas? Como este discurso do medo do crime tem influenciado a política e o tratamento do espaço público? A partir destas questões iniciais, a pesquisa de campo trouxe três novas questões centrais, que foram a linha seguida pelo trabalho: qual a influência da localidade em que a pessoa mora na sua percepção sobre o problema da segurança, do crime e suas causas; a naturalização de hábitos adquiridos em nome da segurança por pessoas de todas as classes sociais e; o ultra-privatismo das classes médias paulistanos que vivem em condomínios fechados, sendo a procura por segurança uma das questões centrais para sua união.

Resultados e Discussão

Para analisar o medo e a violência, precisamos em primeiro lugar problematizar o que entendemos por crime e violência. Feltran (2014) aponta para um estreitamento destes conceitos, no qual o único crime considerado é o crime de rua e a segurança só precisa lidar com esta violência. Isto acaba por estigmatizar determinados sujeitos, mercados e territórios como *locus* da violência urbana. Tal associação da criminalidade e violência a pobreza e a periferia tem gerado diversos resultados na sociabilidade e arquitetura urbana. Porém, a percepção do crime não é homogênea em toda a sociedade. Na pesquisa de campo, as únicas pessoas que falaram sobre outros crimes que não a violência de rua e a necessidade de ampliação de direitos como sinônimo de tranquilidade foram os moradores da periferia.

De acordo com Caldeira (2000), hoje vivemos uma fase de urbanização que, por diversos motivos, desarranjou a combinação centro-periferia. O condomínio fechado surge como modelo ideal, já que as classes baixas ficam cada vez mais próximas das classes médias e altas, que, para manter a segregação, passam a construir enclaves fortificados com altos muros e complexos sistemas de vigilância.

Ao realizar a pesquisa de campo em dois condomínios fechados diferentes, percebi que poucas pessoas (com exceção de crianças) usavam a estrutura dos prédios. O que parecia ser um dos pontos centrais de união entre as

famílias do condomínio é a questão da segurança. Assim, um dos condomínios que visitei, no Morumbi, estava criando um “selo” de segurança da rua, em que vários prédios compartilhariam seu sistema de segurança, tendo como central um shopping da região.

Conclusões

Assim, entre as pessoas de classe média entrevistadas, foi possível perceber que quanto maior era a desigualdade social no bairro em que ela morava, maiores eram as tentativas de se distanciar socialmente, tanto por meio de estratégias de segurança quanto discursivamente. Já para as pessoas de classes baixas, a discussão sobre crime e segurança não tinha tanta ressonância, e apesar de o reconhecerem como um problema, elas logo passavam a falar de questões que as afetava mais diretamente (trabalho, moradia, saúde, etc.) e sobre a ineficácia e corrupção do poder público.

A pesquisa de campo deixou evidente que pessoas de todas as classes sociais se preocupam com a segurança e já tem hábitos tão incorporados em sua vida cotidiana, que já não os sentem mais como táticas de segurança, mas como aspectos da vida urbana. É interessante notar que tal naturalização da insegurança é um fenômeno recente. Quando Caldeira fez sua pesquisa no final dos anos 1980, as pessoas estavam adotando estratégias de segurança por pressão, mas isso era visto como um mal necessário, como uma obrigação de se empregar para sobreviver.

Por fim, ficou evidente que as elites estão ativas em busca de mais segurança, mas suas soluções são terceirizadoras: elas acabam sempre por pagar (seja por empregados, seja por dispositivos de segurança). O que parece fundamental em todas as estratégias adotadas é fazer uma propaganda negativa, isto é, mostrar ao bandido (concebido como alguém preguiçoso) que cometer um crime contra aquele lugar ou pessoa será muito difícil, o que o levaria a escolher outro lugar. Tal situação parece bastante rentável à empresas de segurança, já que haveria uma contínua competição entre os condomínios das elites para ser o mais bem equipado.

Agradecimentos

Ao programa CNPq/PIBIC pelo financiamento do projeto de pesquisa.

Caldeira, T. Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34 e Edusp, 2000.

Feltran, G. S. Crime e periferia in LIMA R. S.; RATTON J. L.; AZEVEDO R. G. Crime, Polícia e Justiça no Brasil. São Paulo: Contexto, 2014 p. 299-307.